

ANTÓNIO RAMOS ROSA

Não posso adiar o amor para outro século  
não posso  
ainda que o grito sufoque na garganta  
ainda que o ódio estale e crepite e arda  
sob montanhas cinzentas  
e montanhas cinzentas

Não posso adiar este abraço  
que é uma arma de dois gumes  
amor e ódio

Não posso adiar  
ainda que a noite pese séculos sobre as costas  
e a aurora indecisa demore  
não posso adiar para outro século a minha vida  
nem o meu amor  
nem o meu grito de libertação

Não posso adiar o coração O grito claro

TEU CORPO PRINCIPIA

Dou-te um nome de água  
para que cresças no silêncio.

Invento a alegria  
da terra que habito  
porque nela moro.

Invento do meu nada  
esta pergunta.  
(Nesta hora, aqui.)

Descubro esse contrário  
que em si mesmo se abre:  
ou alegria ou morte.

Silêncio e sol — verdade,  
respiração apenas.

Amor, eu sei que vives  
num breve país.

Os olhos imagino  
e o beijo na cintura,  
ó tão delgada.

Se é milagre existires,  
teus pés nas minhas palmas.

Ó maravilha, existo  
no mundo dos teus olhos.

Ó vida perfumada  
cantando devagar.

Enleio-me na clara  
dança do teu andar.

Por uma água tão pura  
vale a pena viver.

Um teu joelho diz-me  
a indizível paz.

Estou vivo e escrevo sol

TELEGRAMA SEM CLASSIFICAÇÃO ESPECIAL

Estamos nus e gramamos.

Na grama secular um passarinho verde  
canta para um poema lírico, para um poeta lírico,  
que se nasceu  
é certo que não cantou.

As paisagens continuam a existir.  
As paisagens são suaves.  
Continuam também a existir  
outras coisas que dão matéria para poemas.  
A vida continua.  
Felizmente que há ódios, comichões, vaidades  
A estupidez, esta crassa crença intratável, esta confiança indes-  
[trutível em si mesmo,  
é o que felizmente dá uma densidade, uma plenitude a isto.  
Num mundo descoroçoante de puras imagens  
é bom este banho de resistências, pressões, vontades, atritos,  
é bom navegar.  
Porque este presente é logo saudoso.

Na grama secular o passarinho canta.  
Evidentemente que o poeta suicidou-se.  
A vida continua.  
Certas coisas que pareciam mortas  
estão agora vivas ou, pelo menos, mexem-se.  
Ausentes, dominam-nos.  
Não é para nós que utilizam palavras,  
que insistem,  
não é para nós!  
Estes grandes ornamentos, estes sábios discursos  
fluem em visões, em ondas, como se não no presente.  
Ter-se-á o presente extinguido?  
A vida continua tão improvavelmente.

Na grama um passarinho canta.  
Canta por cantar, ou não, canta.  
Eu poderia, com rigor, agora  
cantar:

Os anjos exactos  
que empunham tesouras  
de encontro aos factos  
— ó minhas senhoras!

Ou rigorosamente ainda,  
com veemente exactidão,  
inutilizar o poema,  
todos os poemas,  
porque

Estamos nus e gramamos.

O grito claro